

Editorial

Caros leitores,

O presente volume da DiversaPrática inaugura a série de edições organizadas a partir das submissões recebidas. Com orgulho apresentamos os primeiros 11 artigos selecionados, que versam sobre temas variados e são assinados por autores de áreas distintas.

Iniciamos com dois textos que exploram questões de ensino nas áreas de Ciências Exatas. No artigo de **Douglas Marin**, intitulado: *Vantagens e desvantagens apontadas por professores de Matemática no uso de tecnologia de informação e comunicação no ensino superior*, temos acesso às opiniões dos professores da disciplina de Cálculo em diferentes cursos de graduação sobre o uso de tecnologias de informação e comunicação (TICs) na aula presencial. O autor apresenta um recorte da análise das respostas obtidas com aplicação de entrevistas semi-estruturadas. Retomando a história de formação para a docência universitária, conforme a vivenciamos no Brasil, para pensar a relação dos docentes com essas tecnologias, o autor discorre sobre os desafios da prática docente hoje e aponta que os participantes da pesquisa consideram ser mais numerosas as vantagens que desvantagens da utilização das TICs. Na leitura do artigo, através da retomada e discussão de fragmentos das entrevistas, percebemos os momentos de identificação com essas tecnologias e discursos sobre elas, e em quais pontos e por que são percebidas como tema que deve ser tratado com mais cuidado. Já em *Proposta de aperfeiçoamento do ensino de Probabilidade e Estatística para os cursos da área de Ciências Exatas*, de **Edmilson Rodrigues Pinto** e **Aurélia Aparecida de Araújo Rodrigues**, entramos no universo de ensino de uma disciplina considerada bastante difícil pelos alunos. Abordando a utilização de diferentes materiais e práticas de sala de aula, incluindo aí um *software* livre e gratuito, o *software* R (R DEVELOPMENT CORE TEAM), os autores discorrem sobre uma proposta de metodologia de ensino que promove maior integração entre os alunos, minimiza algumas dificuldades e pode motivar mais a aprendizagem de teoria e prática. As considerações apresentadas pelos autores se originam dos resultados de um projeto de ensino ocorrido entre 2007 e 2009, no qual a metodologia foi testada e com obtenção de resultados positivos.

Depois, passamos para o tema da formação reflexiva do professor na área de Arquitetura. Em *A educação no século XXI e a formação do professor reflexivo na Arquitetura*, **Larissa**

Caroline Silva Jordão expõe a necessidade de formação de alunos críticos e reflexivos e que também transitem bem pela relação teoria e prática no curso de Arquitetura e Design. Em sua retomada da história de constituição do curso no Brasil, a autora conta também a história da formação dos docentes da área e seus efeitos na prática docente na contemporaneidade e indica a demanda, nesse contexto dinâmico atual, de uma formação que contemple saberes e diálogos e formas mais significativas de ensino.

Com o artigo *Desenvolvimento e utilização de videoaula enquanto recurso didático na abordagem de biossegurança em laboratório de aulas práticas*, de **Mônica Camargo Sopelete, Marília da Silva Coelho, Beatriz de Abreu dos Santos e Mirna Tonus**, voltamos mais uma vez o olhar para a presença das tecnologias em sentido amplo, na sala de aula presencial, desta vez, nas Ciências Médicas. Também pensando no desenvolvimento de uma consciência crítica dos alunos e em formas significativas de ensinar, as autoras produziram um vídeo didático e instrucional para a abordagem de medidas de biossegurança. No texto, elas relatam como utilizaram o vídeo na aula presencial e na plataforma virtual de aprendizagem Moodle, discorrem sobre os conteúdos abordados na gravação e sua importância como ferramenta didática que promove variação das práticas de sala de aula, dentre outros benefícios de sua utilização.

Do ensino da biossegurança, passamos para considerações acerca das práticas de leitura e escrita nos cursos de Química e Letras. **José Gonçalves Teixeira Júnior, Daiane Heliodoro Silva e Rísia Oliveira da Silva** trazem em *Refletindo sobre a leitura e a escrita a partir de atividades experimentais em um curso de graduação em Química* uma análise das principais dificuldades dos alunos do primeiro período no que se refere à leitura de roteiros de práticas experimentais e à escrita de relatórios. Como a maioria dos alunos que participaram da investigação proposta pelos autores vêm de escolas públicas nas quais não tiveram a oportunidade de vivenciar aulas práticas em laboratório, em seu primeiro período na universidade, eles podem experimentar dificuldades nas tarefas propostas, especialmente a dificuldade já apontada nos artigos anteriores da relação teoria-prática. Como argumentam os autores é significativo o número de alunos que não consegue fazer essa relação e é visível a necessidade de maior atenção à prática de escrita e leitura para um maior desenvolvimento dos alunos. Em *Relação entre leitura, o livro didático e as necessidades dos aprendizes*, **Gisele da Cruz Rosa e Daisy Rodrigues Vale** abordam mais uma vez a dificuldade de leitura e interpretação de textos, desta vez na língua inglesa, e por alunos de escolas de idiomas de Minas Gerais. Elas propõem que seus apontamentos podem auxiliar na formação dos professores de Letras e discutem a importância do letramento para a constituição de cidadania e de uma sociedade melhor. Pela análise da relação textos em

língua inglesa e letramento, elas observam que há uma lacuna entre as expectativas de aprendizagem e leitura do aprendiz adulto e os textos trabalhados em livros didáticos, culminando numa situação de desmotivação por parte dos alunos. Como temas de interesse dos alunos, diferentemente do que mais se aborda nos livros analisados, estão a tecnologia e o mercado de trabalho. Essa indicação é relevante quando pensamos na relação material didático-docente-aluno e o desenvolvimento de práticas de sala de aula mais significativas.

Em *Código de conduta como instrumento para educação em valores de jovens universitários: um estudo comparativo*, **Thereza Carolina Gonçalves Vieira e Maria Alzira de Almeida Pimenta** abordam o que consideram ser um dos maiores problemas da atualidade no que diz respeito ao inter-relacionamento entre estudantes no ambiente universitário: o comportamento antissocial. Questionando a relação formação universitária – formação de valores humanos, as autoras investigam os efeitos de propostas de códigos de conduta como instrumento educativo e formativo, analisando a experiência de universidades que já adotam tal política por meio de códigos de ética. As autoras descrevem e analisam esses documentos e como eles normatizam o comportamento dos discentes. Dentre outros aspectos, elas concluem que tais tipos de documentos são importantes para construção de ambientes mais democráticos e éticos, mas apontam a necessidade de que o que esteja no documento seja efetivamente praticado. Passando do tema da inter-relação entre alunos para a relação entre alunos e membros da comunidade externa, em *Percepção de estudantes de graduação sobre as atividades práticas acadêmicas com idosos: co-educação de gerações e formação profissional*, **Carla da Silva Santana e Amanda Polin Pereira** discorrem sobre os resultados de um estudo realizado com estudantes de graduação em Fisioterapia, Fonoaudiologia, Informática Biomédica, Medicina, Nutrição e Terapia Ocupacional. A partir da aplicação de uma entrevista estruturada e da análise dos resultados, as autoras exploram as percepções desses alunos sobre as práticas desenvolvidas com idosos na disciplina de estágio curricular e em ações de extensão. A participação nessas atividades fez ser possível aos alunos compreender a necessidade de uma formação que contemple um enfoque particular a esses tipos de pacientes e perceber também sua complexidade. A relação teoria e prática na formação universitária é novamente tocada nessa discussão.

Do momento de reflexão sobre a participação em práticas de estágio em e em ações de extensão, passamos para a reflexão e avaliação sobre a prática docente em diversos cursos universitários. Em *“Esses professores precisam de reciclagem”*: a avaliação dos estudantes da UFU sobre as práticas didático-pedagógicas dos docentes, **Gesner Duarte Pádua** explora os resultados do relatório de avaliação de uma universidade federal brasileira tal qual apresentados

por sua Comissão Própria de Avaliação. Como indica o título, os alunos que participaram da pesquisa veem as práticas pedagógicas como engessadas, baseadas em modelos tradicionais de ensino que são desmotivantes e que desconsideram os alunos nos processos educativos. Também os instrumentos de avaliação na sala de aula (provas, seminários etc.) são questionados pelos alunos naquilo que diz da relação entre o que foi ensinado e o que lhes é cobrado saber. De maneira geral, os alunos apontam um desejo de que as práticas docentes sejam melhoradas. O artigo de Pádua indica alguns dos aspectos de melhoria por eles apontados na pesquisa.

Muito do que é criticado negativamente na prática docente pode vir do que **Cirlei Evangelista Silva Souza e Andrea Maturano Longarezi** em *Constituição profissional dos formadores de professores em sua trajetória formativa* indicam ser um funcionamento de repetição de práticas de sala de aula. Na contradição da crítica contra determinadas ações pedagógicas, como observaram as pesquisadoras, muitos docentes não se dão conta de que repetem o que foi constituindo sua memória educativa e que consideram ser práticas docentes ruins. Elas propõem que há uma necessidade de criar meios, nas universidades, para que o rompimento desse ciclo de reproduções de ensino possa ocorrer e mudanças substanciais possam ter vez.

No tom das reflexões sobre os desafios de nossa formação, finalizamos com o artigo *Cotas: um fato no cenário das políticas públicas de educação superior*, em que **Waléria Furtado Pereira** descreve a complexidade das políticas inclusivas na universidade contemporânea. Ela traz uma introdução da constituição das Ações Afirmativas e aponta para certo sentido de mal-estar em sua implantação, ao mesmo tempo em que podemos perceber a necessidade da inclusão. É um tema que os docentes universitários vêm vivenciando aos poucos, mas que ainda demanda atenção e discussão, sobretudo, sobre como a adesão a essas políticas mudarão as práticas docentes.

Desejo a todos boas leituras,

Simone Tiemi Hashiguti
Presidente do Conselho Editorial

Uberlândia, dezembro de 2012